Comunicação e Humanidade Interplanetária: uma Discussão Epistemológica à Luz da Privatização do Espaço[1]

Resumo

Desdobramento de uma pesquisa doutoral, este artigo lança olhar à exploração privada do espaço, com ênfase na proposição de que a humanidade deveria se tornar uma espécie multiplanetária, colonizando Marte nos próximos anos. Embora tal proposta ainda se situe mais no campo promocional do que como possibilidade concreta, adotamos uma abordagem crítica e ensaística para explorar, sob a ótica dos estudos de comunicação, possíveis desdobramentos da ideia de humanidade multiplanetária na produção de subjetividades, nos termos que vêm sendo promovidos pela *tech* espacial SpaceX. Partimos de cosmovisões não-hegemônicas para discutir princípios filosóficos axiais ao avanço capitalista, situando o papel estratégico da comunicação, seja para fazer o sistema avançar ou para colocá-lo em questão.

Palavras-chave

Filosofia da Tecnologia; Cosmovisões; Exploração Espacial; Comunicação; Produção de Subjetividades.

Para começar: apontamentos sobre a privatização do espaço

Tendo a Lua aquela gravidade onde o homem flutua, merecia a visita não de militares, mas de bailarinos - e de você e eu...
Tendo a Lua; por Hebert Viana (1991)

Nos anos de 1980, o ventríloquo falido, Dennis Hope, teve a ideia de fazer algum dinheiro vendendo terrenos na Lua. Para driblar entraves legais, usou um artifício jurídico: a

[1] Artigo submetido ao Eixo Temático 21 - Filosofia da Tecnologia, Inteligência Artificial, Pós-humanismo e transumanismo, do XVI Simpósio Nacional da ABCiber – Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura. Univeesidade Federal de Santa Maria/RS, realizado nos dias 04 a 07 de dezembro de 2023.

inclusão de duas palavras que conferem à escritura uma qualidade peculiar: *novelty item*[2] ou 'item romanceado'. Isso significa que a compra de terrenos na Lua tem validade legal, ainda que uma validade "novelística" ou alegórica, dado o caráter presumidamente lúdico e poético do item comercializado. Assim, Lunar Embassy foi registrada em São Francisco e, em três décadas, teria faturado mais de USD 6 milhões[3]. Prerrogativa semelhante é adotada por firmas que vendem *naming rights* de corpos celestes.

Com efeito, a nomeação oficial de astros é um processo não-comercial, longo e meticuloso[4]. Como expresso no Tratado Espacial em vigor, o universo é "patrimônio de toda a humanidade"[5], por isso, seria imperativo restringir a propriedade e usufruto por indivíduos, grupos e instituições. Apesar do tom inspirador, o termo 'patrimônio' enquadra o universo ao modo de bem ou de um investimento, deixando-se entrever uma visão instrumental da Natureza. E, embora o texto da lei vede a posse do espaço a qualquer grupo, o destina à humanidade que, ao fim, é um grupo.

Do ponto de vista antropocêntrico, a humanidade pode se confundir com o próprio mundo; mas, de fato, é apenas uma espécie relativamente pouco numerosa dentre as dezenas de milhões[6] que habitam a Terra, que, a seu turno, é uma pequena orbe dentre incontáveis do infinito. Que tipo de racionalidade seria operada para promover a humanidade como intrépida merecedora de conquistar e submeter todas as formas de existência? Como tal racionalidade

---

[2] Fonte: www.conjur.com.br/2013-mar-12/americano-fica-milionario-vendendo-lotes-lua-problemas-justica#:~:text=Atualmente%2C%20qualquer%20pessoa%20pode%20adquirir,o%20mesmo%20preço%20a%20décadas – Acesso em: 29.10.23

[3] Fonte: https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/na-california-homem-fatura-r-22-milhoes-vendendo-terrenos-na-lua.html - Acesso em: 01.11.23

[4] Mais informações no site da IAU: www.iau.org/public/themes/buying_star_names – Acesso 01.11.23

[5] Tratado Espacial disponível em: www.unoosa.org/pdf/publications/STSPACE11S.pdf - Acesso em: 31.10.23

[6] O mapeamento de espécies mais recente, de 2011, apontou existir entre 7,4 e 10 milhões de espécies na Terra. A dificuldade de quantificar as espécies no planeta faz pensar sobre a dificuldade de aferir sobre a vida no Universo. Espécies surgem a todo o momento (vide o caso recente do coronavírus), são extintas e hibridizadas. Ademais, os conceitos de vida e morte não são unânimes no campo científico e filosófico, nem livre de disputas. Mais informações em: https://journals.plos.org/plosbiology/article?id=10.1371/journal.pbio.1001127&u+tm_campaign=Au%20fil%20des%20lectures&utm_medium=email&utm_source=Revue%20newsletter - Acesso em: 29.10.23

seria sustentada? Como viabilizar outros mundos possíveis e, não menos importante, qual seria o papel da comunicação nesse intento?

Autores como Roque (2021) situam o marco de tal pensamento no Iluminismo – paradigma filosófico apregoado pela burguesia após a chamada Revolução Francesa[7]. Buscando legitimação simbólica, as novas classes dominantes refutariam racionalidades associadas ao regime anterior. Sendo os monarcas tidos como representantes 'naturais' de Deus, o pensamento religioso, a tradição, a exaltação da Natureza e os sentimentos passam a ser combatidos. Ao invés disso, a lógica matemática e o mérito empreendedor são ascendentemente valorizados. No lugar de tradição, o prestígio simbólico recai sobre o progresso: essa ideia de que tudo o que existiu antes da modernidade seria obscuro, injusto e atrasado e que, graças às benesses técnicas, o futuro seria cada vez melhor, em uma escalada contínua rumo à igualdade e à abundância (Benjamin, 2012; Berardi, 2017).

Esse projeto político secular dissemina um ideário de superioridade da racionalidade cartesiana-instrumental em detrimento de qualquer forma de saber e existir. Tal postulado colocaria a humanidade em vantagem sobre qualquer forma de Natureza; afinal, apenas o humano-civilizado tenta entender, controlar e subjugar o mundo a partir de lógicas matemático-econômicas.

No nível discursivo, celebram-se a inteligência e a capacidade humanas, contudo, somente um tipo de humanidade é considerado: o seleto grupo dos que detêm o poder de acessar o conhecimento cartesiano-instrumental e estabelecê-lo como padrão - o que Foucault (1969) denomina de "poder-saber". Como Zizek (2020) adverte, um vírus ordinário, similar ao da gripe, revelaria o caráter discursivo da proclamada supremacia humana, colocando em xeque não apenas a fragilidade individual, mas de certas formas de organização social e

[7] Alguns historiadores preferem o nome "Reforma" Francesa, por entenderem que, após um curto período de instabilidade, as estruturas de poder seriam as mesmas de sempre, agora sob domínio burguês.

crenças a elas associadas. Mais do que isso, ficaria patente que alguns humanos são mais frágeis do que outros (Mbembe, 2013; Beck, 2013). Em teoria, somos igualmente vulneráveis ao contágio, mas a conta do extermínio recaiu duramente sobre aqueles à tangente do projeto civilizatório, tais como indígenas, empobrecidos e detentos.

Voltando à exploração privada do espaço, os dispositivos midiáticos a envolvem em uma aura progressista, dando a interpretação de que os benefícios das conquistas seriam igualmente distribuídos, quando esse processo ignora e exclui a maior parte da humanidade e nossas "espécies companheiras" (Haraway, 2021). Não olvidemos que a economia espacial se constitui como mercado de altíssimo luxo e que, mesmo que todos pudéssemos arcar com os custos, nada garante estrutura técnica ou vontade política para uma ampla inclusão.

À frente da maior *tech* espacial da atualidade, Elon Musk posiciona a anunciada colonização de Marte como uma missão pela defesa da humanidade. Ambiguamente, afirma que a colônia seria para apenas um milhão de pessoas.

> A colônia deverá de ser de um milhão de pessoas ou qualquer coisa como isso [...]. Se os custos para Marte forem, suponhamos, de 100 mil dólares, penso que quase todo mundo que puder trabalhar e poupar terá 100 mil dólares e poderá ir a Marte, se quiser. Será desafiador, difícil, trabalhoso, como uma espécie de viagem para a Antártida. É um anúncio de vendas para ir a Marte desta forma: "É perigoso, é desconfortável, mas vocês ficarão na história. Será a glória!". (MUSK, 2022[8])

Note-se que as comunicações tratam de "colônias", e não comunidades, vilas ou outro conceito mais pacífico e democrático. A expressão remonta do termo "colonização", processo pelo qual grupos dominantes subjugam a vida em territórios inteiros. Em um sentido mais contemporâneo, a palavra remeteria à "colônia de férias", criando-se um sentido inocente e

[8] Trecho extraído da entrevista de Elon Musk ao TedTalk, em abril de 2022. Entrevista disponível, na íntegra, em: www.ted.com/talks/elon_musk_a_future_worth_getting_excited_about – Acesso em: 23.10.23

sugerindo que os viajantes em Marte gozariam de certo lazer ou descanso - enquanto os problemas sociais e ecológicos da Terra caberiam aos menos afortunados que por aqui ficarem.

As mensagens corporativas anunciam a conquista de Marte para 2030, mas Rolfe (2017) alerta que as condições para a vida como conhecemos são absurdamente remotas[9]. Pondera que a ciência não está preparada para responder aos efeitos da mutação geoclimática na Terra e, que, se o pior dos cenários ecológicos se apresentar por aqui, ainda assim, seria muito menos brutal do que as condições em Marte.

É digno de registro o contraste entre o patente interesse de empresas e governos no espaço, mesmo ante significativos entraves à presença humana, *versus* um descompromisso em integrar ações de enfrentamento às mudanças geoclimáticas na Terra, mesmo que a comunidade científica ofereça orientações específicas para conter a escalada de destruição.

Mesmo se mudarmos o enfoque das especulações para os empreendimentos em andamento, os benefícios da exploração privada do espaço seriam para poucos, ao passo que os ônus seriam bem mais distribuídos (Beck, 2013). Enquanto as propagandas de internet via satélite a baixo custo para todos não se concretizam, localidades próximas às bases espaciais enfrentam problemas urbanísticos, sanitários e ecológicos[10]. Os milhares de satélites já em órbita representam um problema em termos de lixo espacial[11], toxidade[12], acidentes

[9] Mais informações em: https://canaltech.com.br/espaco/cientista-levanta-preocupacoes-eticas-sobre-viagem-da-spacex-a-marte-152071 - Acesso em: 01.11.23
[10] Mais informações em: www.bol.uol.com.br/noticias/2015/09/09/elon-musk-esta-fazendo-inimigos-na-cidade-dos-lancamentos-da-spacex.htm - Acesso em: 01.11.23
[11] Informações em: https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2021/03/lixo-espacial-aumenta-poluicao-luminosa-em-mais-de-10-estima-estudo.html - Acesso em: 01.11.23
[12] Pegada de carbono da internet via satélite 30 vezes maior do que outras opções: https://tictank.pt/2023/10/12/quem-tem-mais-satelites/#:~:text=A%20análise%2C%20efectuada%20por%20investigadores,dióxido%20de%20carbono%20e%20o – Acesso em: 01.11.23

espaciais[13], observação astronômica[14] e geopolítica[15].

Enquanto isso, bilionários à frente das *tech* espaciais ampliam seu domínio sobre a infraestrutura comunicacional-midiática. Além da Blue Origin, Jeff Bezos é o executivo à frente de empresas como Amazon Prime, Amazon Music, Amazon.com, AWS Cloud, Alexa, Kindle, Washington Post, Amazon Pay e WholeFoods. Conhecido por fundar a *fintech* PayPal, Elon Musk hoje dirige, além da *tech* espacial SpaceX, Tesla, Starlink, Neuralink, Boring Co e Twitter/X. Note-se que ambos os empresários possuem negócios de envergadura nas áreas de entretenimento, mídia e tecnologia da informação. Tais empreendimentos justificariam o interesse pelo domínio do espaço, permitindo ampliar a rede de satélites e abrindo-se possibilidades de mineração espacial, geração de energia alternativa etc. Em detrimento disto, a privatização do espaço é apresentada como um misto de aventura e filantropia (Figura 1).

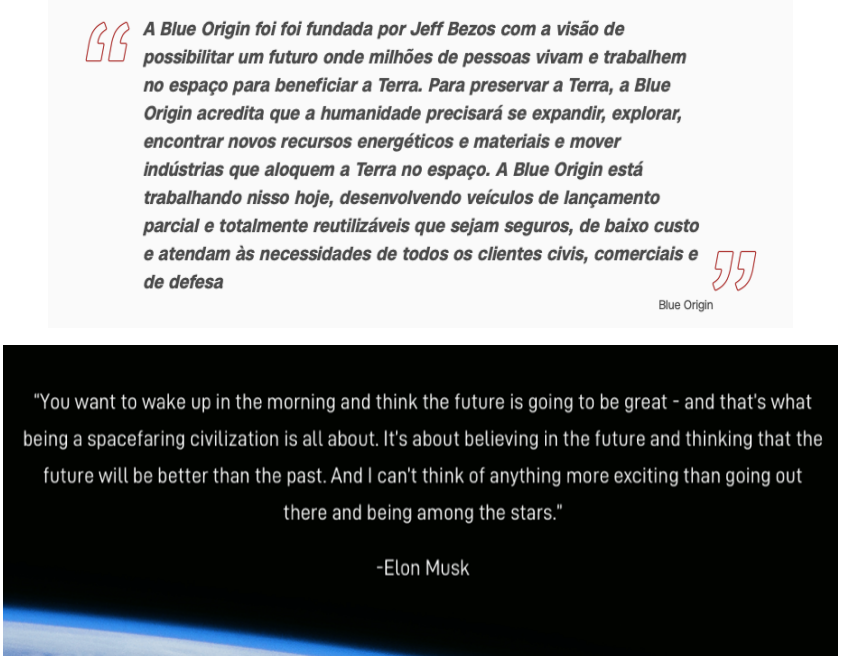
Figura 1: textos de apresentação das maiores *tech* espaciais, Blue Origin e SpaceX[16]

[13] O Observatório Brasileiro indica 6 mil satélites ativos. Quase a metade pertence aos EUA; atrás, viria a China, com cerca de 400. Até 2028, as previsões giram entre 15 e 45 mil novos projéteis, sendo que a SpaceX promete lançar mais da metade. Quase todos os satélites e o entulho espacial derivado ficam "estacionados" em uma finíssima faixa atmosférica que corresponde mais ou menos à linha do Equador e é onde os objetos giram em órbita geossíncrona, ou seja, no período de 24h, garantindo transmissões de dados sem *delays* ou interferências.

[14] Informações em: https://olhardigital.com.br/2022/06/17/ciencia-e-espaco/starlink-e-novamente-acusada-de-atrapalhar-observacoes-astronomicas-em-dia-de-lancamento-de-satelites - Acesso em: 01.11.23

[15] Mais informações em: www.cnnbrasil.com.br/internacional/elon-musk-cortou-sinal-de-satelites-para-impedir-ataque-ucraniano-a-frota-russa-diz-biografia - Acesso em: 01.11.23

[16] Em tradução livre: "Você quer acordar de manhã e saber que o futuro será ótimo – e, ao nos tornarmos uma civilização multiplanetária, é isso que acontecerá. Acreditamos no futuro e sabemos que será melhor que o passado. E eu não posso pensar em nada mais excitante do que sairmos pelo universo e vivermos entre as estrelas." - Elon Musk



Fonte: www.blueorigin.com e www.spacex.com - Acesso em: 01.11.23

Convém saber que os termos do Tratado Espacial foram firmados em 1967 por pressão dos EUA na ONU, para impedir o domínio da ex-URSS sobre o espaço. Chega a ser irônico que, dois anos depois, o país tenha fincado sua bandeira na Lua sem embaraços. Na verdade, cinco bandeiras foram afixadas em diferentes missões e locais, ampliando o terreno sob propriedade "novelística" e assegurando que alguma bandeira dos EUA continue por lá, dadas as condições de deterioração. Sondas apontam restar duas flâmulas e uma série de indícios da presença estadunidense, como distintivos militares. Em 2020, com menos estardalhaço, a China foi o segundo país a fincar bandeira em solo lunar.

Ora, há uma convenção que determina que uma bandeira em uma embaixada, por exemplo, comunica que o solo fora do território pertence ao país representado. Ao hastear bandeiras na Lua, projeta-se mensagem similar, ainda que de modo "apenas" simbólico. O problema é que não existe "apenas simbólico", assim como não há matéria definitivamente

neutra e vazia em termos de sentido. Didática, a separação entre o mundo material e sígnico representa uma simplificação da realidade. Assim que todo o poder simbólico revela e se desdobra em outras formas de poder (Barthes, 2007; Bourdieu, 2011; Foucault, 2012).

Não demoraria até que os EUA tentassem transformar a Lua em Parque Nacional[17]. O entendimento do requerimento que tramita no congresso estadunidense é que os seis lugares onde os astronautas da NASA estiveram, e toda a sorte de itens que ali deixaram, deveriam se converter em um sítio arqueológico para "proteger monumentos históricos do século XX que não são só norte-americanos, mas de toda a humanidade"[18].

Em artigo sobre a petição, Hertzfeld e Scott (2013) propõem um pacto entre países com capacidade espacial, sem necessidade de consulta mundial, já que o acordo se estenderia a "quaisquer países que marquem presença em solo lunar de forma iminente". Pode parecer estapafúrdio, mas a jurisprudência favorável remonta ao Tratado de Tordesilhas e à Conferência de Berlim, eventos pelos quais oceanos e continentes foram divididos e entregues a potências mundiais.

Indubitavelmente, a argumentação de que todos teriam acesso ao espaço não poderia estar mais distante da realidade. Como base em pensamento instrumental, no espaço, como na Terra, se sobrepõe a ideia de que seria uma recompensa justa que a Natureza seja explorada por aquele que se apropriou dela primeiro ou com mais astúcia. Como veremos, essa compreensão de mérito baseada em princípios competitivos manteria fina relação com epistemes fundamentais ao advento e ao avanço capitalista.

De modo isolado, a posse da Lua pode apresentar contornos alegóricos, mas seria

[17] Informações em: https://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/03/sociedad/1386101599_632530.html - Acesso em: 30.10.23
[18] Artigo de Hertzfeld e Scott (2013), na íntegra, em: www.science.org/doi/abs/10.1126/science.1243607 - Acesso em: 30.10.23

ingênuo desconectar a pauta dos movimentos do capital e discursos associados[19]. Como sabido, capital não é dinheiro, tão-somente, mas tudo o que possa gerar rendimentos, sendo enquadrado, nas ciências contábeis, como "um agrupamento de haveres", soma de todos os bens, poderes e recursos que possam ser utilizados de alguma forma em algum tempo por qualquer entidade, independentemente desses haveres serem comuns ou provenientes de terceiros.

Se tal definição soa ampla é porque é. Mais do que nunca, capital pode ser o universo inteiro. Sendo o capitalismo um sistema de acumulação, isso significa que a tarefa fulcral de empresas e governos consistiria em ampliar o espectro de apropriação, tornando tudo e todos recursos disponíveis à geração de riquezas. Considerando possibilidades inéditas de apropriação do espaço, a seguir, exploramos perspectivas teóricas que problematizam a subsunção da vida pelo capital, discutindo o papel estratégico da comunicação para a produção de subjetividades.

A vida nas lógicas do capital

Nos últimos séculos, o trabalho e a inteligência humana, a interação social, a Natureza, enfim, os mais variados elementos da vida vêm sendo incorporados à máquina de acumulação capitalista como 'insumos'. Nas palavras de Pelbart (2016, p. 1):

> [...] o poder tomou de assalto a vida. Isto é, penetrou em todas as esferas da existência e as pôs para trabalhar em proveito próprio. A inteligência, a imaginação, os afetos, as relações e as imagens, tudo se tornou passível de ser violado e invadido, mobilizado e colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes do capital. (PELBART, 2016)

[19] É interessante saber, por exemplo, que enquanto o pedido de propriedade sobre a Lua tomava forma, em 2013, *techs* espaciais negociavam a concessão de bases espaciais públicas e anunciavam abertura de capital.

Assinalados por Pelbart (2016), os poderes do capital não operam somente de fora e de cima; mas, cada vez mais, "por dentro", monitorando, incorporando, integralizando e colonizando modos de ser e estar no mundo. Se antes dimensões como o inconsciente, o descanso, a criatividade e o universo estavam relativamente fora dos circuitos do capital, agora são incorporados ao sistema. Mais do que de trocas de trabalho e mercadorias por dinheiro, o capitalismo contemporâneo é movido por toneladas de subjetividade.

Apenas como um exemplo, os nossos dados pessoais passaram a compor bancos e balanços corporativos. Somos impelidos a canalizar atividades sociais a ambientes que permitem o monitoramento e captura de dados, mas cedemos alguns dados ativa e entusiasticamente, a partir de adoção de modos de ser e viver que pressupõem a exposição e a sociabilidade *online*. De todo o modo, dados nos são expropriados como se fossem 'recursos naturais', e, portanto, de propriedade de ninguém, disponíveis para serem infinitamente explorados pelos detentores dos meios de produção (Couldry e Mejias, 2019).

Se em outros regimes de dominação (na servidão, escravidão, vassalagem, mecenato) as relações de domínio são explícitas, no capitalismo, assentimos à subsunção de nossas potências, a título de vontade própria (Marx, 2011 [1858]). As tecnologias seriam instrumento central nesse intento, colaborando no disciplinamento dos corpos e na modulação das subjetividades, até que a nossa "potência" (Spinoza, 2007 [1677]), os elementos naturais e a técnica (objetos, máquinas e toda a sorte de invenções) sejam paulatinamente anexados ao patrimônio corporativo, e as lógicas econômico-políticas hegemônicas sejam incorporadas, naturalizadas e reproduzidas.

Mergulhando no estudo de relações humano-objeto-Natureza, Simondon (1979) observa que a desconexão entre esses elementos leva um mal-estar na sociedade, manifestado

em extremos como a tecnofobia[20] e a tecnofília[21] e em percepções igualmente extremas da Natureza, ora tida como força assustadora que precisa ser dominada, ora como fonte idealizada de equilíbrio e harmonia.

Grosso modo, os objetos técnicos são definidos como itens construídos artificialmente, não completamente dados pela Natureza, mas elaborados a partir de uma força artífice. Assim, se constrói um hiato entre os objetos técnicos e Natureza. Simondon (1979) problematiza esse entendimento, propondo que humano e técnica são elementos inseparáveis. Como indica, a vida na Terra é acompanhada de um sem-fim de artifícios: fogo, roda, pedra lascada, moradias, arte, escrita etc. Até mesmo um ninho seria uma tecnologia - um objeto técnico fruto da inteligência e trabalho de uma ave sobre elementos naturais. Essa compreensão põe em xeque o ideário que posiciona algumas poucas tecnologias digitais como sinônimo totalizador de 'tecnologia'.

A visão de mundo mais relacional, menos antropocêntrica e hierárquica proposta por Simondon (1979) ressoa com nosso entendimento de subjetividade. Como Guattari (2019), refutamos uma noção ontológica de indivíduo, a ideia de que corresponderíamos a uma essência delimitada e definida no nascimento. Na visão do filósofo, os seres não "são"; eles "estão". Em outras palavras, somos feitos e refeitos na 'relação com'. Assim sendo, as revoluções informáticas, a biotecnologia, a maquinização do espaço-tempo e a conquista do espaço confluiriam à emergência de novas subjetividades.

É nesse quadro teórico que inscrevemos nossa crítica à exploração espacial promovida pelas *big tech*. Primeiramente, porque o universo vem sendo posicionado como mais um recurso à mercê do proveito dos poucos humanos que tenham os meios para se fazer beneficiar. Em segundo lugar, a privatização do espaço é promovida por meio de um processo

[20] Temor ou desconfiança em relação às tecnologias, crença de que a adoção e desenvolvimento de tecnologias seriam, em princípio, maléficos à sociedade
[21] Entusiasmo em relação à tecnologia, crença de que as tecnologias seriam, em princípio, sempre positivas à sociedade.

de "mitificação" (Barthes, 2007) das tecnologias digitais. Apresentadas como se representassem nada menos do que o ápice do conhecimento, o mais longe que o ser humano pode chegar, não deixam entrever as forças nas quais estão inscritas, como ideários e agendas do mercado. Nesse cenário, foguetes, sondas, satélites e um conhecimento a eles associados, a *rocket science*, são bradados como expoentes máximos do progresso e do futuro – nomes bonitos para tratar da submissão da Natureza pelo capital.

Mesmo considerando que as mensagens promocionais relacionadas ao espaço apresentem contornos lúdicos e hiperbólicos, é desconcertante que a vida no universo seja racionalizada como simples extensão da vida humana moderna, sem necessária problematização sobre um modelo econômico-político que leva ao esgotamento ecológico e social.

Não bastasse a profusão de produtos editoriais e audiovisuais, *games*[22], brinquedos infantis[23], aeromodelos, camisetas, paramentos de astronauta, adesivos e toda uma miríade de produtos e serviços insólitos que celebram a exploração do espaço, um recente edital da NASA[24] selecionou dozes estadunidenses para morar em módulos espaciais no planeta vermelho. Anteriormente, o projeto Mars One, que propunha a realização de um *reality show* em Marte, divulgou ter recebido inscrições de milhares de voluntários ao redor do globo[25].

O nível de desvinculação ao qual as subjetividades são convocadas impressiona. Quem imigra sabe o quanto deixar sua terra e fazer novos vínculos afetivos pode ser difícil. Mas ir ao espaço implicaria em elevar o desapego a um patamar extraordinário,

[22] Famoso *game* sobre a exploração do espaço, Ocuppy Mars: https://occupymarsgame.com – Acesso em: 01.11.23
[23] Esgotado em várias localidades, Lego lança robô de mineração espacial: www.lego.com/pt-br/kids/sets/creator/space-mining-mech-e91cb6dfa4bd6e8470bf23db4533473c - Acesso em: 01.11.23
[24] A primeira missão, com quatro tripulantes, já está em início de operação. Informações no site da NASA: www.space.com/nasa-mock-mars-dune-alpha-chapea-habitat-video-tour - Acesso em: 01.11.23
[25] *Webpage* do projeto Mars One (Marte Um, em português), descontinuado em 2021: www.mars-one.com – Acesso em: 02.11.23

não apenas em função do perigo implicado nas missões, mas porque pressupõe deixar não só um núcleo de apoio, mas a humanidade inteira para trás, assim como toda a Natureza e os objetos técnicos que nos são familiares. Mais do que isso: significa deixá-los para trás para morrer. Afinal, uma das justificativas para a sua colonização do espaço é justamente o risco de ocaso terrestre.

Comunicação para uma cosmopolítica

Em 2018, mil cachorros-robôs tiveram um funeral coletivo no Japão. Lançados em 1999, os *pets* eletrônicos AIBOs, da Sony, pararam de ser produzidos em 2006. Percebendo que, sem peças, os "animais" de estimação não teriam como ser consertados e acabariam "morrendo"; os tutores, organizados em comunidades, doavam "órgãos" dos cães falecidos. Anos depois, em homenagem fúnebre aos AIBOs, sacerdotes explicaram que, na cosmovisão budista, não há nada de estranho em honrar objetos, pois tudo contém princípio de Natureza[26].

Levando o pensamento relacional de Simondon (1979) a outro patamar, a notícia acima poderia perfeitamente constar no "manifesto ciborgue" e no "manifesto das espécies companheiras", de Donna Haraway (2000; 2021). Ambos os manifestos abrem caminho para a ciência avançar ancorada na práxis e em saberes não-hegemônicos. Juntos, eles propõem uma "cosmopolítica[27]" (Gray, 2002; Stengers, 2023), isto é, uma ciência política ou menos suscetível aos agenciamentos do biotecnopoder[28].

Haraway (2000; 2021) fundamenta o seu pensamento na proposta de que "natureza-

[26] Notícia em: https://super.abril.com.br/coluna/contando-ninguem-acredita/cachorros-robos-japoneses-mortos-ganham-funeral-budista – Acesso em: 01.11.23

[27] Se a política é entendida como um processo de busca por entendimento e práticas que promovam o bem comum, cosmopolítica seria um acepção alargada desse propósito, que inclua não apenas os seres humanos, mas todas as formas de existência.

[28] Nome dado ao conjunto das dinâmicas pelas quais o sistema econômico-político vigente se apropria e se utiliza da Natureza e da técnica para manter as estruturas sociais dominantes.

cultura" seriam algo uno, e na necessidade de "fazermos parentesco" com tudo o que existe. A partir desses pressupostos, a relação familiar, por exemplo, pode ser pensada e operada para além da genética.

Latour (1994) já afirmava que a separação moderna entre natureza e cultura é problemática e "escorregadia". Como denuncia, não existe na Terra uma Natureza descontaminada de humanidade ou uma sociedade pura, livre da técnica, ou vice-versa. Na prática, essas esferas se misturam em combinações mutantes. Como a notícia sobre os cães-robôs demonstra, na prática, estamos em relação com tudo o que existe. Se são pessoas, outros animais ou máquinas, é algo que importa menos do que o tipo de relação que se estabelece.

Portanto, se a tarefa é compreender relações e hibridizações entre formas de existência, o pensamento místico medieval, que nivelava Natureza, objetos e magia, seria menos inadequado do que o pensamento iluminista. Mas se a tarefa é justificar a expropriação da vida pelo capital, a última racionalidade seria mais oportuna, erguendo hierarquias e classificações simbólicas capazes de separar o humano do fruto do seu trabalho, da terra onde vive, e assim por diante. Convenientemente, enquanto se criam distinções arbitrárias e abstratas, nebulam-se as diferenças estruturais. Como resultado, é comum tomar-se humanos e (outros) animais como entidades distintas, sem praticamente nada que a ser considerado em comum, enquanto se propaga que todos os cidadãos teriam sempre oportunidades iguais - mesmo que as condições estruturais sejam incrivelmente desiguais.

Nesse cenário, as reflexões de Haraway (2021) sobre processos de adestramento e outras relações entre humanos e cães de estimação podem ser tomadas como um ponto de partida provocativo para pensar a comunicação e, em particular, o seu papel em processos de dominação e a emancipação. Em suas palavras: "Uma comunicação que atravessa diferenças irredutíveis para criar conexões parciais e situadas entre formas de existências diferentes é tudo o que importa" (p. 59).

Esse é também o convite de Krenak (2019) quando afirma que podemos conversar com rios e montanhas. Não se trata de cair na antropomorfização, de supor que cães e montanhas "falam". Mas em reconhecer que as relações são operadas na comunicação. Implica em reconhecer uma alteridade que é afetada e nos afeta, que se comunica de um jeito próprio e igualmente válido e que deve ser considerada na construção de futuros conjuntos.

Pensar a ciência da comunicação dessa forma exigiria uma revisão epistemológica. Alinhado à antropologia simétrica[29], Lemos (2002) reconhece que, apesar de crescentes autores adotarem uma perspectiva sociotécnica, não sabem como incorporar as relações humano-objeto-Natureza em seus métodos. Sem dúvida, a maioria das perspectivas comunicacionais ainda são antropocêntricas e restritas ao estudo dos meios de comunicação.

Com uma visão mais ampla e social, Sodré (2014), aponta duas dimensões da comunicação. A primeira, é uma dimensão veiculativa, referente à circulação de informações. A outra é vinculativa, é uma dimensão referente à criação e manutenção de vínculos relacionais, afetivos, vínculos que atravessam o corpo e passam por sensações e sentimentos. O vínculo pode ser atravessado pela necessidade e pelo direito - como o vínculo familiar - mas se mantém porque é essencialmente afetivo, emocional, libidinal, comunicacional.

É por meio desse duplo caráter, veiculativo e vinculativo, que acontece a comunicação, ou seja, que se constrói o comum, as comunidades, os parentescos.

Em um contexto em que comunicação social, como tudo mais, é permeado pela lógica capital, parte significativa da vida humana seria canalizada à mídia[30]. Na mídia,

[29] Proposta por Latour (1994), a antropologia simétrica refuta a divisão entre os binômios cultura e natureza, humanos e não-humanos, primitivos e civilizados, que reserva apenas o primeiro polo um campo privilegiado da reflexão antropológica. O pensamento simétrico não ignora as diferenças, mas busca situar a antropologia no centro, para que as diferenças sejam percebidas e não pré-concebidas.

[30] Mídia é considerada aqui de forma ampla, para além do conjuntos dos veículos de comunicação de massa tradicionais, como TV, rádio e imprensa. Incluímos o aparato promocional (a publicidade, por exemplo), as plataformas digitais e

os aspectos veiculativo e vinculativo da comunicação coexistem com uma força societal. Afinal, os dispositivos midiáticos ocupam posição de agregadores institucionais, articulando o discurso de diversas instituições. Como resultado, a mídia mantém com o público uma relação societal fazendo crer que se trataria exclusivamente de vinculação afetiva. No vértice de vários poderes, a mídia convoca a certas visões de mundo e comportamentos, atuando como uma espécie de "*coach* das subjetividades" (Castro, 2014).

Isso não implica em dizer que a vida está definitivamente colonizada pela mídia, mas em reconhecer sua condição de centralidade para propagar modos de pensar, ser e existir aderentes aos interesses dominantes.

De um lado, observa-se a preponderância de ideários que propagam que estamos todos desconectados e que o tão desejado senso de propósito e conexão seria obtido a partir da adesão às propostas do mercado – aderir à sociabilidade *online*, adotar o estilo de vida do momento ou, quem sabe, colonizar Marte. De outro lado, constata-se uma potência de vinculação que ultrapassa as lógicas capitais. Como a relação que se estabeleceu entre os tutores e seus cães-robô. De fato, a experiência com os AIBOs põe em xeque lógicas consumistas de uso-e-descarte acelerado, que se alicerçam em uma ideia instrumental sobre os objetos técnicos e a Natureza. Se mais frequentes, essas vinculações atípicas teriam o poder de abalar os pensamentos hegemônicos. Parafraseando Hooks (2021), o amor é revolucionário.

A título de conclusão

O verbo *kosmein*, em grego, significa preparar, harmonizar. O substantivo dele derivado, *kósmos*, significaria 'todo-harmonioso' e teria sido utilizado pela primeira vez

mediações comunicacionais as mais diversas, mesmo que algumas empresas como as big tech, orientadas por questões legais e ideológicas, refutem o título de mídia.

por Pitágoras para se referir ao universo. O termo remete à perfeição divina e contrasta com o cotidiano humano pautado por exploração econômica, fragilidade social, conflitos políticos e, no terceiro milênio, mudanças geoclimáticas graves e irreversíveis.

Mas em vez de nos vincularmos à potência de vida na Terra, buscando um adensamento de vozes e esforços para juntos enfrentarmos a dura adaptação que nos será exigida, somos convocados, a partir de uma lógica cartesiana-instrumental, a insistir em racionalidades estreitas e assépticas que pavimentam o caminho para expandir o caos social pelo cosmos, ao invés de buscar o bem social no planeta.

Diante de um cenário em que fazer parentes é urgente e preciso, o pensamento político nunca foi tão importante. Para isso, a dimensão veiculativa da comunicação e mesmo a forma como a vinculação opera na comunicação midiatizada não são suficientes.

Entendendo a comunicação como "a ciência do comum" (Sodré, 2014), a questão essencial que esse campo do conhecimento precisaria endereçar é: que laços fazem com que permaneçamos juntos - mesmo que nos odiemos, que discordemos, que não nos identifiquemos ou que nos sintamos prejudicados pela ordem do mundo? Fora dos limites estritos das relações sanguíneas, geográficas, econômicas e circunstanciais, como construir e manter vínculos... comunicativamente?

Se as teorias aqui sondadas assolapam a ideia de sujeito civilizado possuidor do saber e no domínio do mundo, apontam a infinitos construtores de outros mundos possíveis em interrelações que podem (devem?) ser intensificadas e trazidas para o debate científico, filosófico e político.

Como aponta Krenak (2019, p. 13), "O mundo está cheio de pequenas constelações de gente que dança, canta, faz chover. Mas a humanidade zumbi que somos convocados a integrar não tolera tanta fruição de vida. Então, promovem o fim do mundo para fazer a gente desistir". E o autor complementa: "minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sobre contar mais uma história. Se contarmos novas

histórias, estaremos tentando adiar o fim.” (Idem).

Compreendendo a natureza exploratória deste *paper*, esperamos que contribua para iniciar conversas, explorar novas relações e contar outras histórias – histórias onde tudo o que existe seja muito mais do que um mero recurso.

Referências

BARTHES, Roland. **Mitologias.** São Paulo: Edições 70, 2007.

BECK, Ulrich. **Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade**. São Paulo: Edições 70, 2013.

BENJAMIN, Walter. **O anjo da história.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BERARDI, Franco**. Depois do futuro.** São Paulo: Ubu, 2017

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** São Paulo: Edições 70, 2011.

CASTRO, Gisela G. S. **Comunicação e consumo nas dinâmicas culturais do mundo globalizado.** *PragMATIZES*, v. 4, n. 6, 2014.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. **The costs of connection. How data is colonizing human life and appropriating it for capitalism**. Stanford: SUP, 2019.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. **Mil platôs vol. 1: capitalismo e esquizofrenia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

FOUCAULT, Michel**. A arqueologia do saber.** São Paulo: Forense Universitária, 2012.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2004.

GRAY, Chris H. **Cyborg citizen: politics in the posthuman age.** New York: Routledge, 2002.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias.** Campinas, SP: Papirus, 1990

HARAWAY, Donna. **O manifesto das espécies companheiras – cachorros, pessoas e alteridade significativa**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

_____. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**.

Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

HERTZFELD, Henry e PACE, Scott. International cooperation on human lunar heritage. **Science**, v. 342, issue 6162, nov 2013. p. 1049-1050

HOOKS. Bell. **Tudo sobre o amor.** São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Cia das Letras, 2019.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LEMOS, André. Epistemologia da comunicação, neomaterialismo e cultura digital. **Galáxia**. São Paulo, v. 43, jan-abr 2020. Em: https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/43970/31631 – Acesso em: 01.11.23

MARX, Karl. **Grundrisse: esboços da crítica da economia política**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica.** São Paulo: N-1, 2018.

PELBART, Peter P. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo. **Saúde Soc**., abr-jun 2015. Em: www.scielo.br/j/sausoc/a/SBMnsjPgx7Q5mzDWdnhLQ6D/# - Acesso em: 01.11.23.

ROLFE, Samantha M. **Characteristic raman bands of aminoacids and halophiles as biomarkers in space exploration** (Dissertação). Open University, Milton Keynes, 2017

ROQUE, Tatiana. **O dia em que voltamos de Marte: uma história da ciência e do poder com pistas para um novo presente**. São Paulo: Planeta, 2021.

SIMONDON, Gilbert. **O modo de existência dos objetos técnicos.** São Paulo: Contraponto, 1979.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** São Paulo: Vozes, 2015.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

STENGERS, Isabelle. **Uma outra ciência é possível: manifesto por uma desaceleração das ciências.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023

ZIZEK, Slavoj. **Pandemia: Covid-19 e a reinvenção do comum**. São Paulo: Boitempo, 2020.